

A LINGUAGEM DA CRIANÇA REPRESENTADA NAS TIRINHAS DE ARMANDINHO, DE ALEXANDRE BECK

Prof.^ª Dr.^ª Ilsa do Carmo Vieira Goulart

ilsa.vieira@uol.com.br

Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Lavras

Marciano Renato Ribeiro

marciano.ribeiro@letras.ufla.br

Graduando pela Universidade Federal de Lavras

RESUMO: O artigo tem por objetivo investigar e compreender a linguagem infantil presente no gênero textual tirinha, como um processo de interação verbal e de representação da própria linguagem da criança, especificamente nas histórias de Armandinho, de Alexandre Beck. Como proposta metodológica optou-se pelo desenvolvimento de uma pesquisa bibliográfica, a partir de uma reflexão teórica e exploratória sobre o gênero tirinhas, diante da qual realizamos um levantamento de dados do autor e do personagem. As discussões teóricas procuram aproximar dois eixos de discussão temática: um sobre o desenvolvimento da linguagem como processo de interação social, conforme Vygotsky (1984, 1989), outro sobre a concepção enunciativa-discursiva da linguagem, segundo Bakhtin (2003, 2006). O estudo indica que a linguagem da criança, na tirinha de humor, aparece representada como forma de manifestação de sentimentos, de expressão atitudinal, de expressividade, de compromisso social em prol de um bem comum, de críticas e de conscientização sobre variados temas.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem infantil, tirinhas, interação social.

THE CHILD'S LANGUAGE REPRESENTED IN ARMANDINHO'S COMICS, FROM ALEXANDRE BECK

ABSTRACT: The article aims to investigate and understand the infant language present in the textual genre cartoon, as a process of verbal interaction and representation of the own language of the child, specifically in the Armandinho's stories from Alexandre Beck. As a methodological proposal has been chosen by the development of a bibliographical research, from a theoretical reflection and exploratory about the genre comics, before which we carried out a survey of author and character data. The theoretical discussions seek to approach two axes of thematic discussion: one about language development as a process of social interaction, as Vygotsky (1984, 1989), another about the design discursive language from Bakhtin (2003, 2006). The study indicates that the language of the child, in the comic strip humor, appears represented as a form of expression of feelings, of attitudes, of expressiveness, of social commitment on behalf of a common good, of criticism and varied awareness themes.

KEYWORDS: Language, comic strips, social interaction.

Considerações iniciais

Partindo da premissa de que a linguagem em sua multiplicidade de manifestações possibilita ao homem sua relação e interação social, tem-se uma rede dialógica demarcada pelas ações de produção discursiva, repleta de intencionalidade e de marcas ideológicas. A linguagem não é neutra, mas figura-se num campo amplo de produção textual, seja pela oralidade, pela escrita ou pela imagem, mostra-se carregada de intenções e de representações da realidade.

O campo de produção da linguagem não é único e nem acabado em si mesmo, mas amplia-se e modifica-se conforme as mudanças sociais. Diante da efusão tecnológica tem-se uma expansão das linguagens, que se movimentam rumo ao interlocutor de modos variados em junção das dimensões do verbal e do não-verbal, num processo de hibridismo.

Diante disso, as histórias em quadrinhos nos despertam interesse de análise investigativa, pois se tornam objeto de estudos linguísticos, por se configurarem em uma forma híbrida de linguagem. Pensar nas histórias em quadrinhos (HQs) nos remete ao seu surgimento, à sua história, à sua relevância cultural, à sua forma de expressão e de interação social. Os estudos de Marny (1988), Eisner (1995), Román (1979), Barbieri (1998), Rebollo (1990), por exemplo, descrevem aspectos de um contexto histórico dos quadrinhos, seja no percurso sociológico, seja como arte sequencial, seja no aspecto historiográfico, seja em relação ao modo de estruturação da linguagem, tem-se um panorama das histórias e sua relação com o contexto social. Autores como Moya (1986), Calazans (1997), Possenti (1998), Patati e Braga (2006) dedicam-se, em suas pesquisas, a traçar uma historicidade dos quadrinhos em cenário nacional. Longe de delinear um percurso histórico, este trabalho olhará para a representação de linguagem construída a partir do texto multimodal presente nas tirinhas, entendendo que, conforme Rebollo (1990, p.3),

Portanto, a história em quadrinhos, desde seu nascimento sofreu diferentes transformações, procurando adaptar-se à mutabilidade social, na tentativa de suavizar a vida dos leitores, denunciando a miséria humana através da ironia e a desmistificação dos indivíduos, instituições e sociedades. Neste contexto de adaptação consegue atingir ao público jovem e infantil, sem abandonar o leitor adulto. Enquanto o dinamismo e a permanência de seus personagens são sobrepostas à passagem do tempo, criando assim uma nova *Olympus Paragonnable* à mitologia clássica. (Tradução nossa)¹

¹ Cf. Texto original Rebollo (1990, p.3): “El cómic, por lo tanto, ya desde su nacimiento sufrió diferentes avatares, procurando adaptarse a la mutabilidad de las sociedades, intentando suavizar la vida de sus lectores, denunciando las miserias humanas mediante la ironía y la desacralización de sociedades,

Por acompanhar as mudanças sociais, as histórias em quadrinhos alteraram sua configuração e contribuíram para a criação de outros gêneros, com expressão híbrida da linguagem. As HQs constituem umas das mais variadas formas de interação e integração com seu interlocutor, envolvendo-o pela verbalidade e não-verbalidade da linguagem.

Dessa forma, consideramos que o estudo sobre a linguagem tanto verbal como não-verbal, representada nas tirinhas, requer uma reflexão sobre a palavra compreendida de um conteúdo ou de um sentido ideológico e vivencial. Tal perspectiva torna-se o motivo que nos impulsiona ao uso das tirinhas como objeto de investigação, tanto por possibilitar um levantamento crítico e reflexivo, promovendo discussões de forma mais dinâmica e atrativa no viés acadêmico, quanto pelas marcas estética e artística que trazem em si.

Sabemos que a linguagem presente nas tirinhas não é neutra, por possuir um propósito de alçar uma reflexão crítica da realidade, criam-se os personagens e as histórias para produzir humor e trazer questionamentos sobre as questões sociais. Segundo Possenti (1998) o que caracteriza o humor é, muito provavelmente, o fato de se permitir dizer alguma coisa mais ou menos proibida, mas não necessariamente crítica, no sentido corrente, isto é, revolucionário, contrário aos costumes arraigados e prejudiciais.

Frente à busca de tirinhas de humor de autores brasileiros, tendo como recorte de pesquisa que o enredo das histórias, de alguma forma, representasse a linguagem da criança, deparamos com o personagem *Armandinho*, de Alexandre Beck. O trabalho do cartunista nos chamou a atenção com a produção *Tirinhas de Armandinho*, por oferecer histórias que retratavam a relação dialógica de uma criança com seus pais, amigos e com o mundo em que estava inserido.

Assim, neste estudo versamos sobre a representação da linguagem da criança nas tirinhas de humor. Para isso, assumimos como principal objetivo investigar e compreender a linguagem infantil presente no gênero textual, de modo específico na produção *Tirinhas de Armandinho*, de Alexandre Beck, como um processo de interação verbal e de representação da linguagem da criança.

instituciones e individuos. En este contexto de adaptación consigue llegar a un público joven e infantil, sin abandonar el lector adulto. Mientras que la dinamicidad y la permanencia de sus personajes se superpone al paso del tiempo, creando asi un nuevo Olimpo paragonable al de la mitología clásica”.

Nesta perspectiva, tomamos como proposta metodológica o desenvolvimento de uma pesquisa bibliográfica, a partir de uma reflexão teórica e exploratória sobre o gênero tirinhas, diante da qual realizamos um levantamento de dados biográficos do cartunista e das características do personagem.

Estudos já realizados sobre o autor Alexandre Beck analisam e utilizam os quadrinhos de *Armandinho* para desenvolverem reflexões sobre aspectos de cunho social, como meio ambiente, preconceito, política, etc. Por exemplo, o trabalho de Santos *et al* (2013) com o texto “Crítica social nas tirinhas de Armandinho, de Alexandre Beck, para usar em sala de aula”². O artigo discorre sobre o resultado de um trabalho com a crítica social, desenvolvido com estudantes das séries finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. Que teve como principal objetivo descrever a importância das tirinhas no processo de formação crítica dos alunos, tornando-os autônomos intelectualmente.

Embora, neste estudo, não nos atenhamos às questões polêmicas que abordam as tirinhas de *Armandinho*, a análise, de certa forma, perpassa pela reflexão dos temas presentes neste gênero textual, por isso optamos por focalizar a representação da linguagem do contexto da narrativa. O enredo das histórias traz situações do cotidiano de um garoto – aproximadamente 7 anos – que, além de refletir sobre a situação do meio em que vive, também revela, pela ótica de um autor-adulto, as atitudes ingênuas e as experiências vividas por uma criança.

Para melhor organização, dividimos a reflexão proposta em três seções discursivas: na primeira procuramos, por meio de uma reflexão teórica, criar um espaço de aproximação temática pautada na concepção de linguagem como processo discursivo apoiados em Bakhtin (2003, 2006), em interlocução com Vygotsky (1984, 1989), entre outros autores que permitem compreender o desenvolvimento da linguagem infantil. Na segunda, direcionamos a discussão para uma compreensão de trabalhos que dialogam com a temática “tirinhas de humor” e na terceira apresentamos o *corpus* de estudo e as reflexões realizadas.

Linguagem e Interação Social

² Cf. Artigo sobre Alexandre Beck e sua obra *Armandinho*, com ênfase na crítica social. In: Revista **Philologus**, Ano 19, n. 57, p.352-360 – Supl.: Anais da VIII JNLFLP. Rio de Janeiro: CiFEFiL, set./dez.2013. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/revista/57supl/34> . Acesso em: 04 jun. 2016.

Partimos da concepção de linguagem como condição humana, por possibilitar a manifestação de pensamentos, ideias, opiniões e sentimentos, visto que onde há linguagem, há expressividade e interdiscursividade. De modo mais abrangente, podemos classificá-la como qualquer sistema de sinais que permite aos sujeitos comunicarem-se, representarem a realidade e constituírem-se enquanto seres humanos.

O estudo científico responsável pela linguagem é a linguística, uma área da ciência que se preocupa em analisar quais são os desdobramentos e nuances envolvidos na linguagem. Sendo assim, esse material privilegiado, do qual ser humano é constituído, merece destaque nos estudos científicos, pois como nos aponta Kail (2013, p. 13), a “[...] linguagem humana é um dispositivo complexo, multicomponencial, que garante simultaneamente as funções de comunicação e as funções de representação”.

Deste modo, podemos pensar na palavra – oral ou escrita – como uma forma de expressão da linguagem verbal. O que permite refletir sobre dois aspectos determinantes no seu processo de interlocução: um referente aos sentidos que carrega ou produz, outro em relação à interatividade social.

A palavra, para Bakhtin (2006) traz em si a função de signo linguístico, por isso não possui um sentido único e acabado, mas se define pela pluralidade de significações e para que seja compreendida deve-se considerar o contexto de sua produção/emissão e analisar as condições do discurso em relação a quem, quando, onde, para que, para quem e como se produz a mensagem. Outro aspecto refere-se a sua natureza social, como um modo puro de se estabelecer relações, visto que o dizer envolve um locutor e um interlocutor, dirige-se a, para, com e sobre alguém, um elemento que lhe garante certa importância, por que

[...] toda palavra comporta *duas faces*. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede *de* alguém, como pelo fato de que se dirige *para* alguém. Ela constitui justamente *o produto da interação do locutor e do ouvinte*. Toda palavra serve de expressão a *um* em relação ao *outro*. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor. (BAKHTIN, 2006, p.117)

Neste sentido, o material privilegiado na vida cotidiana, que Bakhtin (2006) apresenta é a palavra, ou seja, é a própria linguagem. Se em nosso cotidiano nos vemos cercados pela palavra (falada, escrita, gesticulada, sinalizada, musicalizada, entre outras), por ela somos constituídos e tomados a cada instante. Por meio dela é que

estabelecemos uma interação social, como processo “conversação”, que envolve compreensão e interdiscursividade.

Ao considerarmos que a linguagem verbal está presente no cotidiano entendendo que todos que dela participam: crianças e adultos, que falam e se comunicam entre si, expressando sentimentos e ideias, decorrente de um processo interdiscursivo, indagamos: de que forma as tirinhas, como um determinado gênero textual, representam a linguagem infantil em suas produções?

Com a finalidade de compreender de que forma a linguagem infantil aparece representada nos enunciados de tirinhas, partimos rumo à compreensão das palavras expressas em textos multimodais, visto que para Bakhtin (2006, p.96), a forma linguística, seja numa expressão verbal ou não-verbal, apresenta aos interlocutores no contexto de enunciações, o que sugere uma interação com o contexto ideológico no qual está relacionado, por isso “[...] não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial”.

Para Bakhtin (2006, p.96) o modo como ocorre a compreensão das palavras está relacionado ao modo como reagimos a elas, ao modo como despertam em nós “[...] ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida”. Esta relação possibilita ao homem, além de representar e regular o pensamento e as formas de processar as informações internamente, também comunicar suas ideias, seu modo de ver e compreender o mundo, seus sentimentos, desejos e inquietações, a influenciar o outro e a estabelecer relações interpessoais.

Ao analisar a concepção de linguagem de Bakhtin, Zoppi-Fontana (2005) apresenta que a linguagem se constitui das relações dialógicas, determinando as relações de sentido estabelecidas entre os enunciados a partir da interação verbal. Para a autora, esta determinação dos enunciados, pela ação discursiva, define certo efeito de sentido que afeta a representação do sujeito, a que denomina “ilusão de exterioridade”, por se tratar “[...] do resultado não da posição supostamente única que ocuparia o sujeito da enunciação no mundo, isto, é em termos de Bakhtin, de sua extraposição, mas que é produzido pelos processos de interpelação/identificação ideológica que constituem os sujeitos”. (ZOPPI-FONTANA, 2005, p.116).

Este processo de interpelação ou de identificação ideológica, pode ser compreendido como a ação responsiva dos sujeitos frente aos enunciados. Para Bakhtin (2003, p.272), longe de uma passividade, há uma determinação ativamente responsiva, que procura atribuir um posicionamento, uma resposta, uma concordância, um descontentamento, uma participação ou execução, isto se deve ao fato de todo sujeito ser “[...] por si mesmo um respondente em maior ou menor grau: porque ele não é o primeiro falante, o primeiro a ter violado o eterno silêncio do universo”.

Para o autor há uma correlação entre enunciados antecedentes em que, o que se expressa pela linguagem, verbal ou não-verbal, já foi de alguma forma antes representado, pois “[...] cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados”. (BAKHTIN, 2003, p.272).

O sentido do elo dialógico, para Bakhtin (2003), está no direcionamento aos enunciados, que não se limita aos objetos ou a sua forma de materialização, mas aos discursos de outros sujeitos, que imprimem no enunciado alternâncias, reviravoltas, retornos, reafirmações. Enfim, os enunciados se constroem levando em consideração o papel do outro, porque “[...] um traço essencial do enunciado é seu direcionamento a alguém, o seu endereçamento”. (BAKHTIN, 2003, p.273).

Nessa perspectiva, consideramos que o desenvolvimento da linguagem é dado pela interação sociocultural, em que se tem um processo de socialização do ser humano. Esse processo é estimulado pelo meio em que se vive, no qual ocorre a adequação e a transformação, proporcionando associações das diferentes áreas sensitivas, cognitivas e motoras. Acreditamos que, no processo de aquisição e de desenvolvimento da linguagem verbal, além do convívio com a língua, nos mais diversos ambientes sociais e nas mais variadas formas de expressão da linguagem, também é imprescindível considerar que ocorre a realização de processos cognitivos intrapsíquicos por parte do aprendiz.

O desenvolvimento das potencialidades cognitivas da criança, para Vygotsky (1989), depende do domínio social do pensamento, isto é, da linguagem. O desenvolvimento cognitivo do aprendiz se dá por meio da interação social, ou seja, de sua interação com outros indivíduos e com o meio. O desenvolvimento da linguagem na criança é impulsionado pela necessidade de comunicação.

De acordo com Vygotsky (1989, p.5), a linguagem é o centro para a compreensão do ser humano social e histórico, haja vista que “[...] a função primordial

da fala é a comunicação, o intercâmbio social”. Entretanto, para o autor, é possível perceber que no desenvolvimento da criança, a linguagem aparece em dois momentos: no primeiro em nível cultural e no segundo em nível individual.

Vygotsky descreve em seus estudos que a linguagem assume outra função primordial no desenvolvimento do sujeito, como função reguladora do pensamento, o que torna possível a interiorização dos acontecimentos vistos, sentidos, vivenciados e experienciados, de forma organizada. Esses acontecimentos estão internalizados na memória do ser humano e refletem-se nas formas verbais de comunicação pelo processo de interação. Pois, segundo Vygotsky (1989), o desenvolvimento das estruturas psicológicas superiores (consciência) da criança ocorre pelo uso da linguagem. Além disso, ela se mostra essencial na formação do pensamento e da consciência; na organização e planejamento da ação; na regulação do comportamento e, em todas as demais funções psíquicas superiores do sujeito, como: vontade, memória e atenção. Ainda, Vygotsky (1989, p.151) aponta que:

O significado das palavras só é um fenômeno de pensamento na medida em que é encarnado pela fala e só é um fenômeno linguístico na medida em que se encontra ligado com o pensamento e por este é iluminado. É um fenômeno do pensamento verbal ou da fala significante – uma união do pensamento e da linguagem.

A linguagem não apresenta somente uma face. Suas significações irão aparecer na medida em que ela se encontrar em um processo de interação. Sendo assim, por meio dos estudos de Vygotsky (1989), consideramos que os significados que a palavra possui se transformam à medida que as crianças se desenvolvem e, também se alteram com as várias formas de funcionamento do pensamento.

Se a língua constitui um “processo de evolução ininterrupto”, que se realiza por meio da interação verbal e social dos interlocutores, conforme descreve Bakhtin (2006, p.132), é pela interação com outro que o ser humano irá desenvolver sua linguagem. Dessa forma, é em interação com o meio social que a criança irá se desenvolver toda sua potencialidade de expressão e comunicação.

Considerando que o processo de aquisição da linguagem não pode ser analisado de modo isolado do desenvolvimento infantil, ressaltamos baseados em Zorzi (2002), que esse mesmo processo marca uma série de mudanças na criança, no que se refere ao surgimento do simbolismo e à maneira de relacionar-se com o mundo. No momento de

aquisição da fala, a criança faz no seu cotidiano o uso de práticas sociais compartilhadas com outras pessoas.

A linguagem precede com e na interação social, logo, implica dizer que o desenvolvimento do indivíduo se dá por meio das relações com o outro e com o mundo. A interação que cada pessoa estabelece com determinado ambiente, possibilita o desenvolvimento do indivíduo e uma experiência pessoal significativa.

Do mesmo modo que o ambiente social é privilegiado, a linguagem também tem uma função central no desenvolvimento cognitivo. Com a aquisição da linguagem ocorre, certamente, o desenvolver dos processos mentais; sendo assim, a linguagem é fator de interação e de desenvolvimento social. Embora o ser humano possua biologicamente o potencial de se desenvolver, se não interagir não se desenvolverá como deveria.

Neste sentido, a compreensão e a descrição do modo em que a linguagem infantil está representada no gênero textual tirinhas, torna o principal foco deste estudo, com vista a análise de como o pensamento, a fala e o comportamento da criança estão representados pelo adulto no gênero textual tirinhas. Para concretização dos estudos empreendidos, ponderamos que a linguagem verbal oferece ao ser humano a possibilidade de representar a realidade física e social em que se vive. Para isso, abordaremos na seção seguinte a caracterização das tirinhas como gênero textual.

Tirinhas: um interessante gênero textual

As histórias em quadrinhos (HQs) se constituem uma relevante fonte de conhecimento por possibilitarem várias leituras de mundo, debates, análises e reflexões sobre diversos assuntos da realidade que nos cerca. Nesta vertente, baseado nos estudos de Cagnin, a abertura da obra *As histórias em quadrinhos no Brasil – Teoria e prática*, de autoria de Calazanas (1997, p.11), aponta que:

Valorizados estão os quadrinhos, por terem sido assumidos com tanto entusiasmo pelo empertigado e sisudo meio acadêmico, que até então lhes devotava cuidadoso distanciamento para não ver maculado – como julgavam – o conceito de ilustres intelectuais, nem desviar-lhe o interesse para tema tão trivial, de criança. Valorizada está a própria universidade ao se voltar para eles, redimensionando a eficácia, a penetração desse novo meio de comunicação e a sua riqueza enquanto arte e sistema de significação.

De modo geral, compreende-se as HQs como forma de linguagem que se utiliza de um texto visual e escrito para narrar um caso ou episódio. Os quadrinhos são

conhecidos como arte sequencial, conforme descreve os estudos de Eisner (1995), pois existe neles uma sequência gráfica, ou seja, uma ordem de quadros expondo um enredo narrativo.

Na mesma direção, Marny (1988, p.262) aponta que a imagem mantém com o texto uma relação demarcada pela dinamicidade, visto que “[...] o ritmo essencial das histórias em quadrinhos é dado pela relação entre as diferentes imagens”. Há uma preocupação com a cadência das imagens de modo a sugerir movimentos.

Nos quadrinhos, o que faz movimentar as figuras de cada episódio é a leitura, a imaginação e o conhecimento de mundo. Com relação ao surgimento das tirinhas, há registros de que o formato clássico do gênero com piadas, desdobradas em quadros, surgiu devido ao pouco espaço nos jornais, bem como à popularidade dos personagens. Ainda, de acordo com Cunha (2012, p.3):

O histórico das histórias em quadrinhos é grande, e algumas vezes adversa, pois a sua origem é assunto de debates intensos entre os entendidos, há quem diga que a origem dos quadrinhos esta na pré-história, nas pinturas rupestres, outros falam do Egito antigo, ou mesmo com a invenção da imprensa e os folhetins do período da revolução francesa ou mesmo do período imperial inglês, basicamente onde se desenvolveu uma forma de contar uma história por meio de imagens.

Baseados na pesquisa de Moya (1986), a respeito da história em quadrinhos, vale salientar que os primeiros registros das HQs, bem como seus pioneiros estudos foram contraditórios e provocaram reações contrárias. Entretanto, no ano de 1929 foi escrito um artigo a favor dos quadrinhos, elogiando Krazy Kat, de Herrimann.³ Na década de 60, os quadrinhos foram descobertos pelo público e passaram a estar presentes nos livros, museus e em pouco tempo nas preferências de leitura. Já, outros registros, apontam que:

[...] No Brasil, em 1944, um estudo realizado pelo Instituto Nacional de Educação e Pesquisa (INEP), órgão ligado ao MEC, afirmava que as HQ provocavam “lerdeza mental”. Após várias décadas, marcadas por grande discussão sobre o uso educativo dos quadrinhos, hoje há, por boa parte de pesquisadores/as e educadores/as, o reconhecimento do seu potencial no trabalho em sala de aula. Este reconhecimento se fez presente na própria Lei de Diretrizes e Base da Educação, nos documentos nacionais curriculares e, como vimos, no PNBE. (SILVA, 2009, p.1).

Após percorrer um período de receio e de crítica, o reconhecimento e a valorização das HQs ganharam ascendência, o que atribuiu relevância da temática para

³ Tira de jornal criada por George Herriman e publicada nos jornais norte-americanos entre 1913 e 1944.

estudos acadêmicos, despertando interesse de áreas de pesquisa sobre esse gênero textual. As temáticas envolvem os conteúdos das HQs, bem como a forma como comunicam ideias e/ou histórias por meio da interação da palavra e da imagem. As discussões são pautadas em questionamentos como: “estimulam o gosto pela leitura?”, “o tema é propício para as críticas realizadas ou para o sentido construído pela situação representada?”, etc.

Desse modo, verifica-se que as HQs sofreram muitas influências e discriminações ao longo do tempo, porém sobreviveram a toda sorte de tempestades e críticas. A evidência dessa superação pode ser vista, atualmente, na presença das tirinhas tanto em materiais impressos, como jornais, revistas, livros didáticos, quanto em mídias eletrônicas, como blogs, redes sociais, sites de autores, etc. Sendo assim, esse tipo de gênero tem encantado muitas gerações de leitores. Nesta direção, assim como Moya (1986, p.7), entendemos que as obras de histórias em quadrinhos,

[...] tornaram nosso mundo menor, mais próximo e mais unido e principalmente, mais humano e ridículo. Através do humor, do riso, da aventura, do heroísmo, das boas ações do bem contra o mal, da luta pela justiça contra a injustiça, dos pequenos contra os fortes e poderosos, os quadrinhos lutaram para construir um mundo melhor e mais justo socialmente.

Esse panorama possibilita vários empreendimentos de estudos em relação as HQs. Assim sendo, fizemos uma averiguação das pesquisas realizadas sobre a temática *quadrinhos* e podemos, então, ressaltar que os principais estudos focam em pontos como: representação da infância nas HQs; análise linguística das falas presentes nas tirinhas; o uso de tirinhas como material didático; análise dos enunciados de humor; dentre outros. A tendência nas discussões direciona-se para a presença da conscientização de questões sociais presentes nas histórias, com foco na reflexão sobre o fato deste gênero despertar, nos leitores, a visão crítica e o aguçar de questionamentos sobre os acontecimentos da sociedade.

De modo distinto, destacamos que este estudo se volta para a representação da linguagem nas tirinhas, que conforme Barbieri (1998, p.13), a linguagem nos quadrinhos não são apenas um instrumento de comunicação, mas um ambiente, um espaço de interação com o outro pela linguagem, visto que ao dizer “[...] uma linguagem é um ambiente, isso quer dizer que goza de certa autonomia a respeito de outras linguagens. Quando nos identificamos com uma linguagem, fazemos uso dela,

pensamos e nos comunicamos com ela, é a linguagem que constitui nosso universo e determina nossos limites”⁴.

Para a autora, certas linguagens são partes de outras linguagens, assim, dedica seu estudo à compreensão da linguagem dos quadrinhos. O estudo distingue quatro tipos de relações que se estabelecem: a inclusão, como parte de uma narrativa geral; a generalização, que entende a linguagem dos quadrinhos gerada por outras linguagens; a convergência, em que duas linguagens se convergem em alguns aspectos e, por fim, a adequação a outras linguagens.

Segundo Román (1979, p.115), a linguagem nos quadrinhos representa “espaço e tempo”. Para o pesquisador, o espaço adquire uma dimensão de temporalidade, por compor-se de signos iconográficos estáticos, que mesmo pela imobilidade, podem assumir uma dimensão temporal pelo ato da leitura. Ademais, para o autor, há um movimento de seleção de espaços e tempos significativos em que o leitor opera a fim de articular a narrativa exposta nos quadrinhos.

O articular, no espaço e tempo, diferentes linguagens, deve-se a sua origem, visto que as tirinhas pertencem ao gênero textual denominado quadrinhos, que se associa a outros gêneros como, por exemplo, os cartuns, as charges, as tiras cômicas e as tiras seriadas. Segundo Ramos (2009), a presença do humor é a principal característica das tirinhas, bem como, apresentar um texto curto, configurado no formato retangular, vertical ou horizontal; possuir um ou mais quadrinhos com diálogos curtos, recursos icônico-verbais próprios (como balões, onomatopeias, metáforas visuais, figuras cinéticas, etc.), personagens fixos ou não, e apresentar um desfecho inesperado. Essas características são apontadas por Ramos (2009), ao deixar nítido as especificidades e os diversos elementos que constituem as tirinhas e que são compartilhados entre os gêneros narrativos.

O gênero textual tirinha, apresenta, na maioria das vezes, tema humorístico, porém, é possível encontrar tirinhas satíricas ou sátiras, de cunho social ou político, metafísicas ou, até mesmo, eróticas. Outra característica marcante da tirinha é a confirmação de uma nova força expressiva nos meios de comunicação de massa e a formação de um público leitor; em específico quando ela se faz presente do gênero

⁴ Cf. texto original Barbieri (1998, p. 13): “[...] un lenguaje es un ambiente significa decir que goza de certa autonomía respecto de los otros lenguajes. Cuando nos identificamos con uno lenguaje, hacemos uso de él, pensamos y nos comunicamos con él, es el lenguaje que constituye nuestro universo y determina nuestros límites”.

jornal. Geralmente, as tirinhas apresentam um personagem principal, o qual interage com o meio e com outras pessoas, expressando suas opiniões e sentimentos.

Por se configurarem em um texto híbrido, as tirinhas se apresentam como uma evolução dos quadrinhos, que conforme Patati e Braga (2006), surgem como uma forma de expressão a partir de um espaço reduzido nos jornais. Na limitação do espaço procurou-se uma adaptação entre a linguagem verbal e não-verbal, garantindo que o conteúdo da mensagem fosse claro, objetivo, cômico e que seduzisse o leitor, provocando sentimentos e emoções.

Tirinhas de humor: um olhar para o autor e sua obra, Alexandre Becker e *Armandinho*

Com intuito de investigar e compreender como linguagem da criança está representada no gênero tirinhas, bem como observar o ponto de vista social representado na mensagem dos quadrinhos, escolhemos como *corpus* investigativo a produção de Alexandre Beck, por trazer como personagem principal *Armandinho*, uma criança, protagonista de enredos de histórias demarcadas pela ação dialógica.

O autor das tirinhas, Alexandre Cechetto Beck, nasceu na cidade de Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. Formado como engenheiro agrônomo, jornalista-illustrador, é proprietário de uma empresa de comunicação e trabalha, principalmente, com materiais educativos no formato de história em quadrinhos para prefeituras, secretarias de educação, fundações de meio ambiente, Polícia Ambiental e Defesa Civil. Trabalhou por mais de cinco anos como ilustrador no Diário Catarinense (2000 a 2005), no qual fez suas primeiras tirinhas, e logo decidiu trabalhar como ilustrador autônomo. A revista “Tudo e etc.”, apresenta outras informações sobre o autor, como Beck ser casado e possuir filhos, os quais, segundo a descrição da revista, se constituem a inspiração e a motivação de seu trabalho⁵.

Beck também estudou publicidade e trabalhou como ilustrador e, de acordo com o próprio autor, no momento em que teve a oportunidade de criar tirinhas, criava-as a partir da imagem que de seus próprios amigos. Para Beck, o trabalho com tirinhas

⁵ Sites sobre o autor: <http://2015.fiqbh.com.br/arquivo/2015/09/?page=2> e <http://www.revistatudoetc.com/2013/04/o-pai-de-armandinho.html>.

demanda esforço, mas considera ser algo compensador àquele que se dedica à arte dos quadrinhos.

O aspecto diferencial na produção de Beck está na busca de um caminho, em fios magnéticos, para alcançar seu interlocutor: o espaço virtual. Utilizando-se de redes sociais, *blogs* e *sites*, o autor recorre primeiro à mídia eletrônica, inserindo-se na produção editorial em espaço digital, criando, divulgando e demarcando sua obra neste campo de produção textual, obtendo o reconhecimento de suas qualidades artísticas, e manifestando sua expressão literária e seu posicionamento político e social.

Sua produção, *Tirinhas de Armandinho*, é uma obra em quadrinhos que traz histórias do cotidiano de um pequeno garoto – aproximadamente sete anos – com seu animal de estimação (um sapo), em contexto de relação dialógica com sua família e com seus amigos. Ainda, o garoto faz aventuras e peraltices como o Calvin e contesta o mundo como a Mafalda. A criação de *Armandinho* foi realizada em poucas horas, com o intuito de ilustrar um trabalho urgente que seria publicado, no dia seguinte, em um jornal. A bela criação inesperada resultou em êxito e, assim, o garotinho ganhou vida nas tirinhas de Beck.

O personagem obteve destaque no ano de 2009, principalmente nas redes sociais, quando o autor realizou uma publicação em homenagem à tragédia de Santa Maria, RS, em que muitas pessoas foram mortas e outras feridas por uma explosão ocorrida em uma boate. Por meio desse acontecimento, que comoveu muitas pessoas, o personagem dos quadrinhos que ilustrava apenas os jornais “*Diário Catarinense*” e “*Hora de Santa Catarina*”, virou o quadrinho brasileiro mais compartilhado nas redes sociais, (imagem 1). O pequeno garoto ficou muito conhecido e atualmente possui uma página no *Facebook*, com milhares de seguidores⁶.

Figura 1 – Armandinho e a tragédia de Santa Maria.



Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=armandinho+santa+maria&biw>

⁶ Sites sobre a obras: <https://www.facebook.com/tirasarmandinho/?fref=ts>

Na imagem 1, podemos perceber um contexto em que o protagonista se encontra sozinho e seu pensamento é exposto pela linguagem-verbal (escrita). O contexto da história perpassa a reflexão da tragédia, o que sugere um lamento em cenas que acontecem em um único espaço físico, o céu que tudo vê, descreve os sentimentos em palavras. O texto insinua uma ideia de que depois de saber da notícia calamitosa, o menino sai para o pátio de sua casa e começa a observar o horizonte. No céu, a lua se encontra rodeada de estrelas, porém, devido ao fato ocorrido, a melancólica paira sobre o ambiente. Logo, é possível fazer uma relação da noite triste com dia anterior, que sem nuvens, sem frio e sem calor, antecipasse algo doloroso.

Observamos, então, uma linguagem dialógica, contextualiza, articulada a uma reflexão social, que se solidariza e até mesmo “chora” por um fato inesperado e funesto. A linguagem, neste momento, mostra a representação da linguagem de uma criança que frente ao fato ocorrido demonstra indignação; a linguagem verbal e não-verbal da tirinha imprime um espaço de desabafo, de manifesto, de expressão da emoção do personagem ao fato ocorrido.

Nesta tirinha, podemos também observar duas questões referentes à linguagem: uma em relação à discursividade da narrativa. Há na sequência da história o discurso de um narrador, que no caso é uma criança, que substitui voz do autor-adulto. Palavra escrita torna-se signo de expressão de sentimento de dor e revolta. Bakhtin (2006, p. 36) sinaliza que os signos são a fonte abastecedora da consciência individual, e a lógica da consciência se configura também da lógica ideológica de interação semiótica, provido de um “colorido expressivo” em que “[...] a imagem, a palavra, o gesto significante, etc. constituem seu abrigo”.

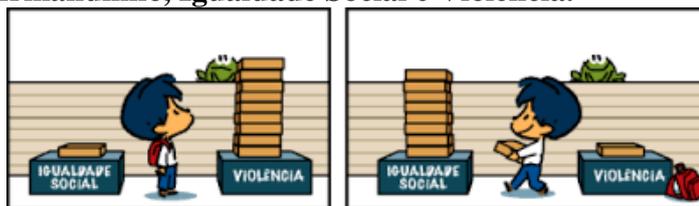
Podemos dizer que o personagem questiona o fato, descreve suas impressões de modo expressivo, sinaliza em palavras ao leitor uma posição e uma ideia sobre o assunto, entendendo que a palavra, como signo linguístico torna-se, segundo Bakhtin (2006, p.36), “o fenômeno ideológico por excelência”, não é possível compreender a linguagem disposta nas tirinhas, sem pensar em seu valor como signo ideológico, isto porque a “[...] palavra é o modo mais puro e sensível de relação social”.

A outra questão é que este signo ideológico se mostra marcado pelo que Bakhtin (2006) denomina de “horizonte social”, decorrente de uma dada época ou de um grupo social determinado. A retratação de um contexto de tragédia, vivenciado por centenas de pessoas, mostra-se em evidência nesta tirinha, a função do signo retrata e reflete certa

realidade, em que a palavra “[...] como signo ideológico tem ubiquidade social, estando presente em vários lugares, ao mesmo tempo penetrando em todas as relações entre os indivíduos”. (FREITAS, 2005, p.308)

Percebemos pela leitura das tirinhas do *Armandinho*, que o enredo das histórias traz o protagonista em contato com o meio social (noticiário, fatos atuais...) a todo instante. A criança representada nas histórias, mostra-se em proximidade à concepção de linguagem de Vygotsky. Subentende-se, pelo enredo narrativo, que para melhor desenvolvimento social, o indivíduo necessita interagir com o próprio meio, ou seja, as ações de interação implicam a manifestação do sujeito sobre a indignação com fatos do mundo que o cerca.

Figura 2 – Armandinho, Igualdade Social e Violência.



Fonte: <https://www.facebook.com/tirasarmandinho/?fref=ts>

Conforme a Imagem 2, podemos notar que, novamente, o *Armandinho* está atento às questões da sociedade. Diante dos altos índices de violência, o menino observa, reflete e cria diálogos com realidade social que o cerca. Pela linguagem, predominantemente, não-verbal, é possível perceber, na primeira cena, o olhar de observação, de reflexão sobre o que vê. Há expresso um sentimento de seriedade, do menino e do sapo, ocasionado tanto pelo número elevado de violência, quanto pelo baixo índice de igualdade social. Já na segunda cena, o personagem entra em ação interagindo com o meio e invertendo os índices sociais de igualdade social e violência.

Nesta tirinha, percebe-se uma representação da linguagem como forma de manifestação da ação frente a uma questão incômoda. Há uma ação responsiva do garoto, provocada pela busca de possíveis soluções para o problema. A partir do momento em que demonstra atitude e começa a agir, é nítida a mudança de expressão de sentimentos, tanto dele quanto do animalzinho.

Para Bakhtin (2006, p.96), a linguagem não é neutra, ela apresenta-se carregada de sentido, e o modo como ocorre a compreensão das palavras está relacionado ao modo como reagimos a elas, ao modo como despertam em nós “[...] ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida”. O autor utiliza-se das tirinhas para expressar, por meio da linguagem de uma criança, a sua opinião sobre o mundo que o cerca. A relação autor-personagem possibilita a representação e regulação do pensamento e das formas de processar as informações internamente. E também possibilita manifestar suas ideias, seu modo de ver e compreender o mundo, seus sentimentos, desejos e inquietações; a influenciar o outro e a estabelecer relações interpessoais.

Figura 3 – Armandinho e o preconceito.



Fonte: <https://www.facebook.com/tirasarmadinho/?fref=ts>

O personagem *Armandinho* interage e convive com outros personagens no enredo das histórias. Notamos, principalmente, a presença da irmã Fê, do pai e da mãe (que são representados apenas pelas pernas), o sapo, seu bichinho de estimação, e outros personagens crianças, em diferentes histórias. Na imagem 3, observamos a felicidade do *Armandinho* e seus amigos. E, mais uma vez a cena retrata uma questão social, a qual é analisada e, em resposta, manifesta-se o posicionamento de um grupo de crianças frente à temática exposta.

No panorama em questão, a cena sugere que a interação com outras crianças desempenha papel fundamental na formação individual do *Armandinho* e, por conseguinte, em cada uma delas. É perceptível, aqui, a linguagem como uma forma de manifestação resultante de um consenso, em prol de uma causa e de um bem comum, em específico, contra o preconceito.

Para Bakhtin (2003, p.294) em cada época, em cada tempo trazemos em diferentes produções textuais em “vestes verbalizadas” formas de compreender o mundo. Assim, é possível perceber, na expressão atitudinal das crianças, como uma nova geração se manifesta frente a um determinado enunciado; no caso da tirinha, o sentido está agregado ao vocábulo “preconceito”.

Outro fator significativo é a linguagem não-verbal, que de acordo com Eisner (1995) a compreensão de uma imagem pelo leitor requer um repertório de experiências, o que exige do artista sequencial conhecer as experiências a quem seu texto está destinado, propiciando uma situação dialógica entre leitor e imagem.

Figura 4 – Armandinho e Professores.



Fonte: <https://www.facebook.com/tirasarmandinho/?fref=ts>

Na Imagem 4, podemos observar uma linguagem especulativa da criança, em que está representada a curiosidade do menino ou a dúvida infantil, buscando compreender e investigar alguma coisa que não ficou esclarecida. Diante do contexto apresentado, o garoto atento à TV, ou em outras palavras, interagindo com o meio, tira suas dúvidas com o outro a quem está próximo. Esse outro, como mediador, intervém oferecendo algumas considerações ao menino, com o intuito de auxiliar em sua assimilação.

Para Bakhtin (2003, p.297) cada enunciado integra “ecos e ressonâncias” de outros enunciados, deste modo torna-se uma resposta aos enunciados precedentes. Há nas tirinhas de *Armandinho*, um posicionamento reflexivo frente a uma questão social, que concebe uma ação responsiva diante de situações que lhe são postas pela sociedade.

A narrativa permeada pela linguagem verbal, em consonância com a não-verbal, articula enunciados da criança que desencadeiam cadência ao texto, isto porque “[...] os diálogos têm uma função rítmica fundamental”, conforme demonstra Barbieri (1998, p.244).

As imagens nas tirinhas permitem um tempo de duração sequencial, este tempo de duração é demarcado pelo tempo de nossa leitura, segundo Barbieri (1998, p.229), desta forma “[...] o que acontece aqui é que através do expoente dos signos em movimento que representam o tempo no interior da imagem e sugerem a correta sucessão dos eventos”⁷.

⁷ Cf. Texto original de Barbieri (1998, p.229) “[...] lo que sucede aqui és que através del expoente de los signos em movimento que representan el tiempo en el inteior de la imagen y sugieren la correcta sucesión de los eventos”.

A ação dialógica é provocada tanto pela linguagem verbal quanto pela não-verbal, com isso, em decorrência desses exemplos, podemos considerar que a interação que cada pessoa estabelece com determinado ambiente, possibilita o desenvolvimento do indivíduo e uma experiência pessoal significativa. Pois, como Mello e Teixeira (2012, p.1) apontam:

O ser humano cria maneiras de se relacionar com o mundo, toda a história individual e coletiva dos homens está ligada ao seu convívio social. Sendo assim, a compreensão do desenvolvimento não pode ser justificada, apenas, por fatores biológicos. O desenvolvimento ocorre a partir de diversos elementos e ações que se estabelecem ao longo da vida do sujeito. Neste processo, sem dúvida, a interação com outras pessoas desempenha papel fundamental na formação individual.

Poderíamos ter apresentado outras tirinhas para a análise, entretanto, consideramos que os exemplos selecionados, de modo geral, apresentam as principais características do recorte em estudo. Deste modo, podemos considerar que *Armandinho*, o protagonista da obra de Beck, interage com o meio, representando sua inocência de criança; trazendo especulações e questionamentos sobre situações do cotidiano e posicionamentos do ser humano na sociedade. Além disso, representa um sujeito que se desenvolve cada vez mais, a partir de um processo sociointeracionista, pelo qual, ressaltamos o desenvolvimento do material privilegiado do qual o ser humano é constituído, a linguagem.

Percebemos que, juntamente, com a linguagem não-verbal, as metáforas e jogos de palavras estão sempre presentes nas tramas do personagem. Isso possibilita compreender e interagir com a história articulada pelo autor, pelo fato das palavras e imagens apresentarem sua natureza social como um modo puro de se estabelecer relações entre um locutor e um interlocutor.

De acordo com Beck, sua intenção principal com as tirinhas não é fazer humor, mas suscitar reflexões e discussões de assuntos relevantes e atuais. Deste modo, o conteúdo das histórias de *Armandinho* transita entre questões sociais, de forma leve e despretensiosa, utilizando-se da linguagem de uma criança que desperta e provoca humor, bem-estar, e análise crítica e reflexiva aos seus leitores.

Se a preocupação de Beck está na interação com seus leitores, o autor teve um cuidado especial na escolha do nome do personagem. O nome *Armandinho* foi selecionado em um concurso, em que as pessoas sugeriram nomes e deram a justificativa para ambos. Dentre vários, o escolhido foi *Armandinho*, pelo fato do

personagem estar sempre *armando* algo. Logo, nos remete à pluralidade de sentidos que carrega a palavra “Armandinho”.

Além do nome do personagem, há um jogo de sentidos nas narrativas, textual e visual, das tirinhas do *Armandinho*, pois na fala, nos gestos e na imagem, expressam a ideia de inocência e de cuidado com os animais de estimação; buscam provocar o riso com expressões que se aproximam de uma linguagem infantil: curiosa, sincera, intensa e dialógica. Sem dúvida, trata-se de uma linguagem infantil representada, pensada e articulada por um adulto, que dá voz e sentido a pensamentos e ideias a partir do personagem criança, que preserva características atenta e amável, observadora e atuante, crítica e esperançosa. Ainda, transmite ao leitor que o principal compromisso da tirinha está em tratar de temas relacionados a questões sociais e políticas, como a preservação do meio ambiente e a igualdade social.

Sendo assim, Beck também acredita que *Armandinho* tem um pouco das características de seu criador, pois uma das personalidades que o autor e o personagem possuem em comum é o anseio por um mundo melhor. Esse ideal resulta de outros trabalhos e experiências de Beck, incluindo a época do movimento estudantil. Outrossim, de acordo com o próprio garotinho, ele não decidiu mudar o mundo, esse ideal já está presente nele: “*Não decidi. Não sei fazer diferente. Eu gosto do mundo, das pessoas e dos bichos. Acho que aqui podia ser um bom lugar pra todos, não só pra alguns. Não acha?*”⁸.

Considerações finais

Mediante à ideia de superação da crise de energia, do papel, da convivência com a televisão, da falta de democracia e de respeito mútuo existentes na sociedade, num momento em que os valores são postos em dúvida, temos em vista que “[...] os quadrinhos superem sua crise e continuam a satirizar e criticar nosso mundo e seu habitante mais criticável: o homem” (MOYA, 1986). Sem dúvida, Moya defende a expressividade das HQs, do mesmo modo, temos as tirinhas, que podem contribuir para uma forma de manifestação de ideias, pensamentos, de contextos sociais, impulsionando-os a outras interpretações e à visão crítica da sociedade em que vivem.

⁸ Citação retirada de uma entrevista realizada pela revista *Urucum Digital*. Cf. site sobre a entrevista: <https://urucumdigital.com/2015/01/28/armandinho-alexandre-beck-e-o-compromisso-com-o-mundo/>.

Ao analisarmos como a linguagem infantil se mostrou representada nas tirinhas de humor, especificamente nas tirinhas do *Armandinho*, destacamos que a representação se encontra em ações simples e despretensiosas, nas relações da criança consigo mesma, com o outro e com o meio social. Haja vista que, a expressão da linguagem comporta duas facetas: o conteúdo (interior) e sua *objetivação exterior* para outrem (ou também para si mesmo). (BAKHTIN, 2006, p.115).

Os estudos sinalizam para uma linguagem da criança, na tirinha de humor, representada como forma de expressividade, de compromisso social em prol de um bem comum, de críticas e de conscientização sobre variados temas. Mesmo sendo uma fala representada, pela visão de um adulto, tem-se na criação de um personagem-criança uma narrativa textual e visual que apresenta seu conteúdo ideológico em interlocução com o leitor.

Considerando que, segundo Bakhtin (2006), o material privilegiado na vida cotidiana é a palavra, ou seja, é a própria linguagem, percebemos que a linguagem infantil aparece como um recurso dialógico, representada nos enunciados das tirinhas ora como manifestação da expressão de sentimentos, ora como expressão atitudinal. Manifestada na multimodalidade textual, utilizando-se da linguagem, verbal e não-verbal, as tirinhas apresentam aos interlocutores uma história atrelada ao contexto enunciativo, o que sugere uma interação com o contexto ideológico no qual está relacionado, indicando que as palavras escritas ultrapassam a dimensão do código gráfico. As histórias gerenciam uma linguagem impregnada de um sentido ideológico ou vivencial.

A reflexão dos enunciados dispostos nas tirinhas nos possibilita compreender que sua multimodalidade textual se apresenta a partir de dois aspectos: um referente aos sentidos que carrega ou produz, outro em relação à interação social presente nas tirinhas. Sendo assim, a compreensão da linguagem se dá por meio da interação entre o autor e seu personagem, entre o personagem e o leitor, entre diferentes leitores, visto que, a palavra ganha sua existência frente ao outro e se configura como um espaço de encontro e de produção discursiva, não se restringindo às características de um gênero textual. No entanto, conforme descreve Barbieri (1988), as tirinhas trazem a intensidade e a complexidade da linguagem, por isso não devem ser vistas apenas como um gênero, mas como espaços onde se produzem discursos, provocam ações, reações e sentimentos.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin**: dialogismo e construção do sentido. 2. ed. Campinas: ed. UNICAMP, 2005.

BARBIERI, D. **Los lenguajes del cómic**. Barcelona: Paidós, 1998.

CALAZANS, F M. A. **As histórias em quadrinhos no Brasil**: teoria e prática. São Paulo, 1997. (Coleção GT INTERCOM; 7).

CUNHA, R. M. História em quadrinho: um olhar histórico. **Revista Semana Acadêmica**, Fortaleza, n. 10, vol. 1, p. 1-15, 2012. Disponível em: <http://semanaacademica.org.br/system/files/artigos/historiaemquadrinhoulharhistorico> . Acesso em: 11 dez. 2015.

EISNER, W. **Quadrinhos e arte sequencial**. Trad. Luís Carlos Borges. 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

FREITAS, M. T. A. Nos textos de Bakhtin e Vigotski: um encontro possível. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin**: dialogismo e construção do sentido. 2. ed. Campinas: ed. UNICAMP, 2005.

KAIL, M. **Aquisição de Linguagem**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2013.

MAGALHÃES, H. **Humor em pílulas**: a força criativa das tiras brasileiras. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2006.

MARNY, J. **Sociologia das histórias em quadrinhos**. Trad. Maria Fernanda Margarido Correia. Porto: Ed. Livraria Civilização, 1988.

MELLO E. F. F.; TEIXEIRA A. C. A interação social descrita por Vigotski e a sua possível ligação com a aprendizagem colaborativa através das tecnologias de rede. In: Seminário ANPED Sul, 9, 2012, Caxias do Sul. **Anais do IX Seminário de Pesquisa em Educação da região Sul – A Pós-Graduação e suas interlocuções com a educação básica**. Disponível em: http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2012/Educacao_Comunicacao_e_Tecnologias/Trabalho/06_03_38_6-7515-1-PB . Acesso em: 11 dez. 2015.

MOYA, A. de. **Historia da história em quadrinhos**. Porto Alegre: L&PM, 1986.

PATATI, C.; BRAGA, F. **Almanaque dos quadrinhos**: 100 anos de uma mídia popular. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

POSSENTI, S. **O Humor da Língua: Análises Linguísticas de Piadas**. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

POSSENTI, S. **Humor de circunstância**. *Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, Vol. 9, p.333-344, 2007. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/flp/article/view/59787> . Acesso em: 10 ago. 2016.

RAMOS, P. **A leitura das histórias em quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2009.

REBOLLO, T. L. El lenguaje del cómic. **Revista Didáctica. Lengua y Literatura**. Madrid, vol. 2, p.141-160, 1990. Disponível em: <http://revistas.ucm.es/index.php/DIDA/article/view/DIDA9090110141A> . Acesso em: 10 ago. 2016.

REVISTA Tudo e Etc. **O Pai de Armandino**. Disponível em: <http://www.revistatudoetc.com/2013/04/o-pai-de-armandinho.html> . Acesso em: 11 dez. 2015.

REVISTA Urucun Digital. **Armandinho, Alexandre Beck e o compromisso com o mundo**. Disponível em: <http://urucumdigital.com/2015/01/28/armandinho-alexandre-beck-e-o-compromisso-com-o-mundo> . Acesso em: 11 dez. 2015.

ROMÁN, G. **El lenguaje de los cómics**. Barcelona: Ediciones Península, 1979.

SANTOS, T. G.; ARANTES, T. T.; SANTOS, N. G. Crítica social nas tiras de Armandinho, de Alexandre Beck, para usar em sala de aula. **Revista Philologus**, Ano 19, n. 57, p.352-360. Supl.: Anais da VIII JNLFLP. Rio de Janeiro: CIFEFIL, set./dez. 2013.

Disponível em: <http://www.filologia.org.br/revista/57supl/34> . Acesso em: 10 jun. 2016.

SILVA, M. R. P. Infância, histórias em quadrinhos e leitura de mundo: uma experiência com a linguagem quadrinhística na formação de pedagogas e pedagogos. **Revista Cadernos da Pedagogia**, São Carlos, Ano 03, vol. 01, n. 05, p.352-200, jan./ jul. 2009. Disponível em:

<http://www.cadernosdapedagogia.ufscar.br/index.php/cp/article/viewFile/120/81> . Acesso em: 11 dez. 2015.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. Trad. José Cipolla Neto; Luís Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. Jefferson Luiz Camargo. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

ZOPPI-FONTANA, M. G. O outro da personagem: enunciação, exterioridade e discurso. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: dialogismo e construção do sentido**. 2. ed. Campinas: ed. UNICAMP, 2005. p.108-118.

ZORZI, J. L. A Intervenção Fonoaudiológica nas Alterações de Linguagem Infantil.
2. ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2002.

Recebido em: 29/04/2017
Aprovado em: 13/03/2018